

ABANDONANDO

Bíblia

Apostasia
APOSTASIA



Silvio Dutra

**C
r
u
z**

Jesus

Apostasia

Silvio Dutra

FEV/2016

A474 Alves, Silvio Dutra Apostasia./ Silvio Dutra Alves.
– Rio de Janeiro, 2016. 101p.; 14,8x21cm 1. Fé. 2. Juízo.
3. Perseverança. I. Título. CDD 230.248

Sumário	Introdução.....	4
O Fundamento da Fé.....		7
O Fundamento da Comunhão.....		8
Apostasia.....		10
Um Caminho sem Volta?.....	13 Sintomas da	
Apostasia.....		15
Terrível Coisa é Cair nas Mãos do Deus Vivo		27
É Preciso Esforço para Não Apostatar.....		29
Vale a Pena Confiar em Deus.....		34
É Possível Ser Apóstata Credo em Deus e Louvando a		
Jesus.....		36
O Mundo Jaz no Maligno.....		41
A Passividade Conduz à Apostasia.....		45
Rejeitar Sofrimentos por Cristo Significa Rejeitar uma		
Coroa.....		47
A Face Horrenda da Apostasia.....		53
O Horrível Juízo para os que Escolheram Viver Apostatados de		
Deus.....		56
Crete que Apostata é Alguém que Foi Libertado e Decide		
Voltar à Prisão.....		60
Por que a Apostasia Deve Anteceder a Manifestação do		
Anticristo?.....		64
O Paradoxo e a Insensatez da Apostasia.....		69
Tão Perto e Tão Distante.....		72

Introdução

Quando Jesus disse à mulher samaritana que a salvação viria ao mundo através dos judeus, o que ele tinha principalmente em vista era dissuadi-la da noção da possibilidade de ser ter um encontro real com Deus, através da doutrina misturada ao paganismo que era ensinada pelos samaritanos no templo de Gerizim, ou por meio de qualquer outro corpo de doutrina que não se ajustasse às revelações que Deus fizera aos profetas de Israel, por séculos, especialmente através do maior deles no período do Velho Testamento, a saber, Moisés. Esta revelação havia sido assentada por escrito, devidamente, nos livros que viriam a compor o conjunto das Escrituras Sagradas, e em todos eles encontramos promessas relativas ao Messias, que seria, não apenas o Redentor e Salvador de Israel, mas também de todas as nações. Para confirmação de que a salvação do mundo viria através dos judeus, ali estava o próprio Jesus, sendo judeu, dando testemunho desta salvação a uma mulher gentia, pois havia chegado a hora em que Aquele que havia sido dado também como salvação e luz para os gentios, havia se manifestado em carne, depois

de ter deixado a glória que tinha no céu junto ao Pai, por um tempo, para poder nos conduzir à verdade e à salvação. A pregação do evangelho nada mais é do que a proclamação desta salvação, de modo que não consiste em mais uma nova religião entre as muitas que existem no mundo; ao contrário, as raízes do evangelho se encontram na mais remota antiguidade, desde que foi feita a promessa no Jardim do Éden, do esmagamento da cabeça da Serpente, por alguém que descenderia de uma mulher, quanto à formação do seu corpo natural de carne. Convinha que um povo fosse formado para ser o depositário da revelação relativa à nossa redenção. E isto Deus fizera com a chamada de Abraão, para que a partir dele, e mais especificamente, de seu neto Jacó, filho de Isaque, fosse iniciada a multiplicação da nação de Israel. É bom lembrarmos que bem antes disso, Deus havia revelado Sua vontade a homens santos como Sete, Enos, Enoque, Noé, e muitos outros, quando começou a repovoar a Terra depois do dilúvio, entre os quais podemos citar o nome de Sem, um dos filhos de Noé, de quem viria a ser gerado mais tarde o próprio Abraão. Estes

passaram adiante o conhecimento do único Deus invisível e verdadeiro, às gerações subsequentes. Em paralelo a isto, pela imaginação e engenhosidade de homens e demônios, doutrinas e religiões as mais diversas, eram criadas, e todas, em princípio, contrariavam os preceitos, os mandamentos e revelações que estavam sendo dados por Deus a homens santos e fiéis, por ele escolhidos. Disso tudo entendemos que felizes são aqueles que, para o bem eterno de suas almas, atentam para a doutrina que chegou até nós por meio do povo judeu, a saber, a que temos na Bíblia, nas Escrituras do Velho Testamento, e a que é decorrente do seguimento desta mesma doutrina na pessoa e revelação de Jesus Cristo.

O Fundamento da Fé

Assentamos em nossa introdução, uma parte do fundamento da fé na qual apontamos Deus como sendo o criador de todas as coisas, e, por conseguinte possuindo plena soberania, autoridade e poder sobre tudo o que há na criação, especialmente sobre os seres morais – os anjos e os homens. Vimos também o planejamento e o meio que ele está utilizando para a restauração de todas as coisas por meio de Jesus Cristo. Como o fundamento básico da criação é o de que todas as coisas devem existir e viver por meio da união vital delas a Jesus Cristo, subtendendo-se, por conseguinte, que não pode haver vida fora da comunhão com Ele.

O Fundamento da Comunhão

Toda comunhão que liga a criatura ao Criador é de caráter essencialmente espiritual, e fundamentada na fé, na justiça e na verdade. Daí se dizer que, se não andarmos na luz de Deus não podemos ter comunhão com Ele, pois é inteiramente luz. Quando deixamos de andar nos seus mandamentos e não vivemos para dar-lhe a honra de Pai que lhe é devida, por um estrito respeito e obediência à Sua Palavra, a citada comunhão não se estabelece, ou é rompida.

Retornamos aos argumentos e verdades de nossa parte introdutória, para recordarmos que Deus tem um plano, um propósito, um objetivo quanto ao homem que criou, para que viva fazendo a Sua vontade, e por isso nos deu Jesus Cristo como Salvador de nossa condição caída no pecado, para que possamos responder ao referido propósito. Tudo o que se relaciona ao Senhor e à operação de Sua graça em nós, pela palavra do evangelho, costuma-se chamar de fé objetiva – a fé que professamos em todo o corpo de doutrina do evangelho. O ato de se afastar desta fé objetiva é o que caracteriza a apostasia.

Apostasia

Por tudo o que temos apresentado até este ponto, podemos entender melhor, que apostatar é muito mais do que simplesmente deixar de praticar certas tradições religiosas. É possível que alguém esteja frequentando regularmente os cultos de sua igreja e estar apostatado da fé, pois esta significa afastamento da fé, conforme a expressamos nos capítulos anteriores. A Bíblia fala de uma grande apostasia que antecederá a manifestação do Anticristo, e nunca houve em qualquer época anterior da história, tantas pessoas nas suas diversas denominações cristãs e evangélicas. Vemos, portanto, que é possível reunir-se debaixo do nome de cristão, e ser até mesmo um cristão autêntico, lavado no sangue de Jesus, e, no entanto, estar vivendo em apostasia em relação àquela fé que é requerida por Deus de todos os seus filhos. Quando o autor de Hebreus nos exorta a estarmos cada vez mais apegados às verdades ouvidas, ele cita qual é o propósito disto, a saber, para que jamais nos desviemos delas. Se a

própria pessoa não se devotar inteiramente a isto, é bem certo que virá a apostatar da fé. Tenho visto esta verdade ocorrer ao longo dos anos, quando muitos que pareciam estar caminhando bem e fazendo progresso na fé vieram a naufragar repentinamente, virando as costas para Cristo e para a comunhão na Igreja. Na grande maioria dos casos a causa principal foi o retorno ao mundo, pelo fascínio dos prazeres carnis e sensuais que o mundo oferece. O curioso é que estas pessoas haviam recebido uma boa doutrina, um sólido fundamento quanto ao significado da justiça de Cristo que nos justifica, da regeneração da nova criatura, da crucificação e despojamento do velho homem, da necessidade da renúncia e autonegação, da dependência completa da graça para resistir à tentação e vencer o mal, da importância da meditação e prática da Palavra, da oração, entre outras coisas, e ainda assim, vieram a naufragar na fé, entrando principalmente em jugo desigual com os incrédulos ímpios. Voltaram a amar o mundo, ao qual pensamos uma vez que eles já não mais pertenciam.

Desprezaram as coisas celestiais e fizeram das terrenas o tesouro do seu coração. Até mesmo oficiais da igreja, que haviam sido consagrados ao santo ministério caíram, e alguns chegaram a abraçar as mesmas doutrinas estranhas que haviam combatido antes. Multiplicam-se os casos, mundo afora, em que muitos que professam ser crentes vivem como se fossem mundanos. Nada há que os distinga em seu comportamento, daqueles que não amam e servem a Deus.

Um Caminho sem Volta? Na história da Igreja, nós vemos desde os dias da Antiga Igreja de Israel, no Velho Testamento, vários momentos de apostasia que eram seguidos por grandes reavivamentos da religião, como, por exemplo os havidos nos dias do profeta Samuel, dos reis Davi, Josias e Ezequias. Nós vimos isto nos dias da Reforma Protestante, nos dias dos Puritanos, dos Pietistas, dos Metodistas, nos avivamentos havidos nos E.U.A. No século XVIII, nos avivamento de Gales, da Rua Azuza, na Coréia, e partes da África. Mas o que temos testemunhado em nossos dias? A par do grande crescimento numérico de cristãos no mundo, isto não vem sendo acompanhado por um crescente aumento da vida de santidade e piedade. Será o efeito da grande apostasia profetizada para os últimos dias? Haverá uma reversão deste quadro de apostasia como ocorreu tantas vezes no passado? Ou ele será irreversível até a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo em sua segunda vinda?

Devemos lembrar que ele mesmo nos advertiu quanto ao tempo da sua vinda, indagando ironicamente se porventura acharia ainda a fé genuína do evangelho, na terra. É provável que por esta apostasia na fé seja precipitado o reino do Anticristo, acompanhado dos juízos de Deus sobre as nações. Tem havido muito esforço para se produzir avivamentos, mas o resultado que se tem observado é o acréscimo de novas técnicas de evangelização e modernização nas formas de culto, sem que haja a correspondente evidência de um avivamento genuíno, que é o de produzir o retorno do povo do Senhor à vida de santidade, pela prática da Sua Palavra.

Sintomas da Apostasia

Um dos melhores textos bíblicos que descrevem as características da apostasia dos últimos dias é o de II Timóteo 3: “1 Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. 2 Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, 3 Sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, 4 Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, 5 Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te. 6 Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; 7 Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade.

8 E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé. 9 Não irão, porém, avante; porque a todos será manifesto o seu desvario, como também o foi o daqueles. 10 Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, amor, paciência, 11 Perseguições e aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio, e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou; 12 E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições. 13 Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados. 14 Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido,

15 E que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. 16 Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; 17 Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra.”. O início deste terceiro capítulo de II Timóteo está em conexão com o seu final, porque o mal que é referido no início tem seu único antídoto na afirmação que é feita no final do capítulo, a saber, somente poderão prevalecer com Deus nos últimos dias trabalhosos de iniquidade, aqueles que têm sido aperfeiçoados espiritualmente pelo ensino das sagradas Escrituras. Jesus havia alertado os primeiros discípulos, quanto ao fato de que se levantariam falsos profetas sedutores na Igreja, e que o Inimigo plantaria seu joio nela, mas nem por isso deveríamos ficar ofendidos, pensando mal da verdadeira Igreja. Sempre há muita escória misturada ao ouro que não foi completamente refinado, e sempre há

joio e palha misturados aos grãos de trigo, que estão sendo peneirados. Então, Timóteo deveria estar preparado e armado em seu pensamento, quanto às coisas que deveria suportar com paciência e mansidão no seu trabalho de evangelista. Quando as pessoas passam a ter as características apontadas por Paulo no início deste 3º capítulo, pode ser dito que se trata de uma época difícil, porque exigirá Reforma na Igreja. Sendo dias de Reforma, serão dias trabalhosos que exigirão dos ministros muito poder em graça e paciência, para a realização do trabalho deles. Eles se espantarão com a facilidade com que as pessoas serão visitadas pelo poder de Deus na Igreja, para logo depois saírem dando um mau testemunho, porque suas vidas não foram reformadas pela verdade. Se eles se opõem à sã doutrina, como poderão ser restaurados e renovados por Deus? Como poderão ser santificados pelo Espírito Santo, ainda que ouçam bons sermões que lhes

ensine a verdade, caso não se disponham a se consagrarem ao Senhor? De que adiantará ouvirem sermões, se não estão dispostos a aplicar a verdade em suas vidas e lares? Logo, a consequência inevitável será a descrita por Paulo no início deste capítulo, onde se vê não apenas a desordem pessoal, mas inclusive a dos lares. É importante frisar que a expressão "últimos dias" usada por Paulo, se refere à última dispensação, que é a do evangelho. São, portanto, os dias do evangelho, e evidentemente à medida que o tempo passasse as condições difíceis se agravariam, porque Jesus disse que a iniquidade se multiplicaria no tempo do fim. Paulo deixou Timóteo bem inteirado, do fato de que até mesmo os dias do evangelho seriam dias trabalhosos e perigosos. Que não ficasse, portanto na expectativa de que haveria uma época dourada na terra, onde a verdade prevaleceria completamente pela pregação do evangelho, porque isto não ocorrerá, a não ser quando da volta do Senhor com grande poder e glória.

Não será, portanto, a Igreja com o trabalho de evangelização, que trará paz e segurança eterna ao mundo, mas o próprio Senhor, pela força do Seu grande poder, quando da Sua segunda vinda. O propósito do Espírito Santo ao nos ter revelado estas coisas, não é o de gerar pessimismo, mas um posicionamento firme para perseverar no trabalho, sabendo contra que tipo de inimigo teremos que lutar. Observe que Paulo não diz que viriam tempos difíceis porque os ímpios do mundo tentariam acabar com a Igreja de Cristo na terra, mas por causa de pessoas com aparência de piedade, mas que negam a sua eficácia, na prática das suas vidas ímpias. Falsa religiosidade é o que está sendo focado nesta passagem. Pessoas que gostam de ouvir sermões; que oram, jejuam, frequentam os cultos de adoração pública regularmente, mas no final de tudo vivem deliberadamente na prática do pecado. Elas não colocam por prática o que ouvem, e na verdade não podem entender o verdadeiro significado espiritual das coisas que ouvem, porque não têm verdadeiro temor do Senhor e

da Sua Palavra. Elas não vivem para honrar a Deus, mas para buscar o que é do próprio interesse. Paulo estava dizendo a Timóteo e a todos os ministros fiéis do evangelho, que sempre haverá tais pessoas na Igreja, e que eles devem cuidar para que não sejam enganados e influenciados por elas. Elas devem ser instruídas com a mansidão da pomba, mas deve-se ter a prudência da serpente no relacionamento com elas, sabendo a quem elas estão servindo de fato: a si mesmas, aos seus próprios interesses egoístas, ao próprio orgulho e avareza, pelo que são; presunçosas, caluniadoras, ingratas, profanas, sem afeto natural, incontinentes, cruéis, traidoras, obstinadas, sem amor aos que se santificam. Elas são irreconciliáveis, porque não podem ser apaziguadas com argumentos espirituais, pois são carnis. Caso não experimentem um verdadeiro arrependimento produzido pelo poder do Espírito em seus corações, não se pode ter comunhão com tais pessoas. Quando os dias são difíceis, os filhos são desobedientes aos pais, porque não têm qualquer obediência a Deus. Eles não honram a

Deus, por conseguinte, não sabem o que é o mandamento de honrar os pais. São traidores, porque não conhecem e não se importam com a causa da justiça e da verdade. São obstinados, porque sempre estão procurando fazer a própria vontade e não a vontade do Senhor. Eles serão achados na Igreja em muito ativismo, com aparência de piedade, mas não estão trabalhando de fato, impulsionados pelo amor do Espírito Santo, porque não possuem tal amor sobrenatural em seus corações, e assim, tudo o que fazem sempre será na energia da carne, porque vivem segundo a inclinação da carne, e não conhecem o que é seguir o pendor do Espírito. Por isso, o conselho de Paulo a Timóteo é curto e direto: "Destes afasta-te". Porque são irreconciliáveis. Eles nunca poderão aprender acerca da verdade, enquanto estiverem entregues à sua obstinação de viverem para fazer a própria vontade. São como Janes e Jambres, os magos egípcios que resistiam a Moisés, que viram os sinais e maravilhas de Deus, e mesmo assim não se

arrependeram das suas mistificações e ilusionismos. Dentre os que aprendem sempre e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade estão aqueles que consagraram suas mentes, talentos e tempo a Deus, mas não seus corações. E, não permitem que Ele seja o Senhor dos seus espíritos. Estes que resistem à verdade podem ouvir milhares de sermões, mas não colocarão uma única linha em prática. Não será por ouvirem o evangelho que renunciarão ao ego, negando-se a si mesmos, pela operação da cruz. Eles poderão até concordar que isto seja necessário para seguir a Cristo, mas não se disporão a colocá-lo em prática, porque amam mais a si mesmos do que amam a Deus. Eles estão apegados às suas vidas e pensam que podem ter a vida de Cristo, apesar deste apego ao próprio modo de viver, pelas paixões da alma, com seus sentimentos, vontades e emoções, que sempre lhes arrastam a um viver que seja contrário a tudo que é da vontade de Deus revelada na Bíblia.

Quanto dano estas pessoas produzem à progressão do evangelho! No entanto, a ordenança é que sejam instruídas com mansidão. Dois traidores numa guarnição podem produzir mais feridos nela do que mil sitiadores. Estes traidores não são propriamente apenas de pessoas, mas, sobretudo da causa do evangelho. Eles são usados pelo Inimigo, para deter o avanço de uma obra do Espírito. Lembremos que a luta espiritual não é contra a carne e o sangue. Não são propriamente, pessoas que são os alvos destes traidores, mas a própria causa da verdade. É a causa do Senhor que eles estão traíndo. É a estratégia de Satanás de plantar o joio na Igreja. Eles permanecerão ali sentados em seus bancos, prontos para produzir dúvidas nos cristãos imaturos, e a tentar fazer com que os maduros percam a paciência. Endurecidos em suas convicções, incapazes de conhecerem a verdade, mas produzindo sérios danos por serem instrumentos de Satanás. Por isso os ministros do evangelho não devem ficar abalados por estas coisas, mas prosseguir

adiante com o trabalho fiel de pregar e ensinar a verdade. Eles devem se empenhar em santificarem cada vez mais suas próprias vidas, porque quando a corrupção do pecado torna-se geral, é muito mais difícil manter a nossa integridade pessoal no meio desta corrupção geral. Ao descrever todas estas características que definiriam o caráter da maior parte das pessoas nos últimos dias, o apóstolo tinha o propósito de advertir todos os crentes, quanto à necessidade de uma vigilância e devoção a Deus muito maiores, porque seriam dias difíceis para se vencer a tentação, o mal e a intensificação dos poderes malignos que estariam operando em todo o mundo. As condições relativas à vida natural e secular melhorariam, a ponto de muitos terem a oportunidade de dedicar tempo e dinheiro em prazeres. Não é incomum, portanto, que se veja tantos crentes viajando para tantas partes do mundo à cata de deleites, e não em projetos missionários. O amor ao mundo, ao deleite, se tornou muito maior do que o amor que tinham por Deus e aos interesses de Sua Igreja.

Seus corações os arrastam para onde se encontra agora, o seu novo tesouro relativo às coisas terrenas e não às celestiais. A conversação não gira em torno das verdades da Palavra e dos serviços da Igreja. O que o mundo busca e fala é o que a maioria dos crentes está buscando e falando. Eles costumam ter um tipo de comportamento na igreja, outro no local de trabalho, e ainda outro em suas casas. O reino de Deus e a sua justiça deixou de ser para eles há muito tempo, a principal prioridade. Tudo isto é sintoma de apostasia; e como é algo geral, somente nos resta aguardar a manifestação do Anticristo, conforme está profetizado nas Escrituras.

Terrível Coisa é Cair nas Mãos do Deus Vivo Ao contrário do que se costuma pensar, ao apostatarmos, não caímos nos braços do mundo para uma pacífica e abençoadora acolhida – na verdade, o mundo não tem como nos dar isto, mas caímos na verdade, debaixo dos terríveis juízos de Deus, que a ninguém deixará de dar a devida paga por suas atitudes e ações, quer para recompensa, quer para juízo. Negar o Criador. Voltar as costas para um Pai de amor. Associar-se ao diabo e aos espíritos das trevas. Rejeitar a Palavra da verdade e entregar-se a devaneios, mentiras e enganos. Cuspir e pisar no precioso sangue de Jesus, que foi derramado para a nossa redenção e salvação. Tudo isso e muito mais é, porventura coisa de somenos? Quanta ingratidão, rebelião, afronta, desobediência, está envolvido em tudo isto! Deixaria o Todo-Poderoso, Pai dos espíritos, de visitar com juízos todas estas coisas? É certo que estes juízos são equilibrados e controlados pela Sabedoria Eterna, pois conhece perfeitamente as condições de cada alma que é levada a se afastar dele – algumas temporariamente; outras, definitivamente.

Aos que se deixaram conduzir por tentações passageiras, ou por ignorância da posição que lhes convém por estarem em Cristo, no tempo próprio, ele os restaurará à comunhão pela Sua graça, e tonará a firmá-los na fé.

É Preciso Esforço para Não Apostatar Ao lidar com os casos de apostasia, que estavam ocorrendo na Igreja já em seus dias, perto do fim do seu ministério, e com o intuito de instruir aos seus cooperadores que dariam continuidade ao trabalho de evangelização e confirmação dos crentes na fé, depois de sua partida deste mundo, o apóstolo Paulo, não somente alertou Timóteo, Tito e outros, como também lhes deu recomendações específicas para a forma de proceder em dias de apostasia. Nós vemos por exemplo as palavras dirigidas a Timóteo em sua primeira epístola: “1 Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios, 2 pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada, 3 proibindo o casamento, e ordenando a abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ações de graças pelos que são fiéis e que conhecem bem a verdade;

4 pois todas as coisas criadas por Deus são boas, e nada deve ser rejeitado se é recebido com ações de graças; 5 porque pela palavra de Deus e pela oração são santificadas.” (I Tim 4.1-5 A apostasia a que Paulo se refere nesta seção, da primeira epístola a Timóteo deve ser estudada em conexão com outras passagens das Escrituras, especialmente com o sermão profético de Jesus em Mateus 24, com II Tessalonicenses 2, II Timóteo 3 e 4, dentre outras. Apesar de o mistério da iniquidade já estar em operação no mundo, desde a entrada do pecado, sendo o motivo da apostasia que havia atingido a alguns na Igreja de Éfeso, no entanto esta iniquidade aumentará a ponto de esfriar o amor de muitos, quando estiver próxima a segunda vinda de Cristo, que não ocorrerá antes da grande apostasia e da manifestação do Anticristo. Qual teria sido o propósito do apóstolo com estas palavras de alerta proferidas a Timóteo? Certamente, para reforçar a necessidade de uma firme diligência da parte dos ministros fiéis

para sustentarem o testemunho da verdade do qual estão encarregados. Se a tendência, no curso da história da Igreja seria a de multiplicação de falsos pastores e mestres, e de aumento da dificuldade para manter a verdade entre os cristãos, nenhum ministro deveria se iludir em depor suas armas espirituais, pensando que esta guerra poderá ser vencida com poucas batalhas, especialmente de oração para prevalecer com Deus. Na verdade é uma guerra sem tréguas até que Cristo volte, e esta guerra se intensificará ainda mais à medida que o tempo do fim se aproxima. Afinal, não é uma guerra contra pessoas, mas contra os projetos de Satanás e dos demônios, forjados no inferno. Para ilustrar algumas das doutrinas de demônios e espíritos enganadores, que usariam como instrumentos homens hipócritas e mentirosos (mentira no sentido de pregar e ensinar falsas doutrinas) de consciência cauterizada, o apóstolo citou o ascetismo religioso como forma de santificação, tanto na abstinência sexual, pela proibição do casamento, quanto na abstinência de alimentos. Sabemos, entretanto, que a santificação

verdadeira nada tem a ver com práticas ascéticas. Jesus foi inteiramente sincero, direto e honesto ao nos ensinar, inclusive por parábolas, que tomamos posse do Reino de Deus e nele permanecemos mediante o nosso esforço. Exige-se disciplina, paciência, sobriedade, devoção, vigilância, diligência, fé, oração, renovação contínuas e um carregar diário da cruz, para que possamos ser achados de pé na Sua presença. Quando começamos a negligenciar esses deveres, colocamo-nos na direção oposta àquela que nos conduz à bem-aventurança. Ao falarmos em esforço, o que está em foco não é ativismo, mas uma firme ligação ao Senhor, e à Sua Palavra, sobretudo nas horas de aflição, e mormente naquelas em que somos atacados com angústias pelos poderes das trevas. Devemos estar conscientes em todo o tempo da nossa completa fraqueza, insuficiência e incapacidade para podermos vencer todas as forças espirituais que se levantam contra Cristo e contra nós. Como Moisés e o povo que se encontrava com ele às margens do Mar

Vermelho devemos estar quietos, confiando somente no poder do Senhor, para recebermos o livramento desejado, que certamente nos dará por lhe honrarmos por meio da nossa fé nele e no seu grande poder. A batalha pertence ao Senhor. Nesta guerra espiritual não somos nós propriamente que lutamos, mas é o Senhor quem luta por nós e nos conduz em triunfo, derrotando todos os poderes que oprimem nossa alma. Por isso, se diz que bom é esperar pelo socorro que vem do Senhor, e isto em silêncio. Não importa as circunstâncias em que nos encontremos, Ele sempre nos livrará pelo seu grande poder sobre todos os poderes das trevas, se tão somente clamarmos pelo seu grande nome. Nisto se cumpre a sua promessa que nos faz no Salmo 50:15: “Clama a mim no dia da angustia; eu te livrarei e tu me glorificarás.”

Vale a Pena Confiar em Deus Em momento algum devemos confiar em carros, cavalos, homens, para sermos livrados dos poderes que agem contra a nossa alma; e, muito menos em nós mesmos. Devemos confiar nAquele cujo nome é sobre todo nome, a quem foi dado todo o poder, quer nos céus, quer na terra, ficando-lhe sujeitos todos os principados, inclusive os do inferno. É a Jesus que devermos recorrer na hora da indecisão e aflição. Quando laços de morte e correntes do inferno aprisionam a nossa alma provindos dos principados do mal, pela permissão de Deus, para que sejamos provados em nossa fé, não nos resta alternativa senão a de reconhecermos que somos pó, que nada podemos fazer, e confiar somente em Jesus que tem todo o poder e suficiência para nos livrar, trazendo de novo alívio à nossa alma. Enquanto Ele não o fizer, dar-nos-á a graça necessária para que possamos suportar a terrível angústia e desconforto que tenha se apoderado de nós, até o tempo determinado por Ele para proceder ao nosso livramento.

É possível que a violência destes ataques satânicos produza até mesmo efeitos fisiológicos, como descompensação emocional e outros, porém uma vez sendo repreendidos pelo Senhor para que se retirem de nós, pode ocorrer que ainda permaneçam alguns reflexos em nossa mente produzindo inquietações e tremores por um possível retorno dos sintomas, mas até isto é para ser vencido pela firme confiança em Jesus, de que nos guardará e livrará de todo o mal, fortificando o nosso coração para não ficar turbado por coisa alguma, ou por qualquer intimidação do inferno. A obra que designou fazer por nosso intermédio será cumprida até o tempo que tiver sido por Ele determinado, e não por qualquer iniciativa isolada dos poderes do inferno. Veja o caso de Jó, a quem Deus permitiu ser totalmente despojado por Satanás, mas o Inimigo jamais imaginou que Deus era poderoso para restaurar Jó com o dobro de tudo quanto possuía antes. Cremos que até no que diz respeito à sua saúde física. Deus nos tem dado autoridade sobre todos os demônios e ela deve ser exercida em nome de Jesus.

É Possível Ser Apóstata Credo em Deus e Louvando a Jesus Cristo Jesus tem definido o modo do Seu conhecimento real e pessoal, segundo a prática e permanência nos seus mandamentos, conforme estão registrados na Bíblia. Quando isto falta, nada há que possa preencher esta lacuna, de modo a nos tornar agradáveis e aceitáveis a Deus. Ainda que nos empenhemos em algumas coisas ordenadas relativas ao Seu serviço, mas se nos falta a prática da verdadeira piedade em vidas santificadas pela Palavra, Ele afirma categoricamente que não nos conhece, por sermos praticantes da iniquidade. Se Ele classifica até mesmo estes que pensam estar fazendo Sua vontade, e reconhecem que Ele é Deus, que deve ser temido juntamente com o Pai e o Espírito Santo, quanto mais não há de considerar aqueles que não o honram em Sua divindade e distorcem ou acrescentam outras doutrinas à Sua Palavra revelada nas Escrituras? Veja por exemplo, o caso do Islamismo, criado no século VII por Maomé, que tendo designado a si mesmo como profeta de Deus, acrescentou outras revelações às escritas no Velho

Testamento como se lhe tivessem sido dadas por Deus, para esclarecer todos os fatos relativos à criação do mundo e à chamada de Abraão para ser Seu representante na terra. Sendo os árabes descendentes de Ismael, filho de Abraão com a escrava egípcia Hagar, aos quais ele e Sara, sua esposa legítima, mandou despedir de sua casa, para que não fosse herdeiro das promessas juntamente com Isaque, isto suscitaria um grande ódio da parte dos descendentes de Ismael (árabes) aos israelitas, que são descendentes de Isaque, até os nossos dias. Com a fratura e enfraquecimento do Império Romano no século VII, que não teria permitido qualquer expansão do Islã em seus dias de glória, estando os árabes envolvidos em várias divisões e guerras tribais, Maomé forjou um plano para sua unificação federativa por meio do uso da noção religiosa de serem os muçulmanos os autênticos descendentes fiéis da missão que fora dada por Deus a Abraão, e que dariam cumprimento à Sua promessa de reinar sobre todas as nações da Terra através daquele que descenderia de Abraão (Jesus, e não os israelitas, nem os muçulmanos).

Segundo Maomé, Deus viria a reger o mundo através de um povo que lhe fosse fiel – o Islã, uma vez que os judeus haviam comprovado sua infidelidade por terem rejeitado ao profeta que lhes fora enviado – Jesus - e, por esta condição de infidelidade haviam caído (segundo Maomé) sob um terrível desagrado de Deus; por isso haviam sido espalhados pelo mundo, e caberia aos fiéis (muçulmanos) exercer o juízo divino sobre eles, exterminando-os, o que, a propósito, muitos deles intentam fazer até os nossos dias.

Percebe-se nitidamente que a causa principal para a criação do Islã foi o ódio declarado que os árabes têm pelos judeus. Esta ideia de que Deus estaria interessado em exterminar a nação de Israel é totalmente antibíblica, pois para eles permanecem de pé as promessas de reinarem com Cristo, por ocasião da Sua segunda vinda. O nono e décimo primeiro capítulo da epístola de Paulo aos Romanos prova claramente, que Deus não rejeitou ao Seu povo de Israel, ao qual conheceu de antemão, e que jamais o rejeitará. O endurecimento temporário que lhe sobreveio em relação a Jesus foi justamente, para permitir a entrada dos gentios no Reino dos céus, em face da rejeição deles.

Voltemos à parte introdutória do nosso livro e investiguemos se há algum espaço ali para esta doutrina, que é afirmada pelo Islã? Deus se declara como sendo o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, Não como o Deus de Ismael ou de Maomé. Quando comparamos o plano geral da criação e redenção em Jesus Cristo, tal e qual se encontra na Bíblia, com todos os sistemas doutrinários e religiosos, podemos observar verdadeiramente quais deles e em que se encontram apostatados da fé da verdade bíblica. Não precisamos nos alongar aqui, para falar acerca das religiões animistas que se baseiam nas forças da natureza e em teorias de comunicação de energias naturais, pois sabemos que o fim do evangelho não consiste nisto, senão na salvação da alma, concentrando-se no novo nascimento do Espírito Santo, na justificação pela graça, mediante a fé; e também na santificação do Espírito Santo operada pela aplicação da Palavra de Deus à nossa vida. Meditações chamadas transcendentais, purificações cerimoniais, ou cânticos xamanistas; nada disso responde ao fim do

Evangelho, que é Cristo vivendo e sendo formado em nós. Quanto a isto, nem mesmo as reuniões evangélicas que têm o simples propósito de buscar a manifestação de sinais da presença de Deus entre os crentes, cumpre o propósito divino. O hinduísmo e todas as crenças reencarnacionistas naturais nada possuem em comum com o evangelho posto que nelas o homem é deus para si mesmo. Assim, estão apostatados, afastados da verdadeira fé, não por um desvio havido no tempo, mas pela própria essência das coisas que são declaradas e praticadas.

O Mundo Jaz no Maligno Sabendo que o mundo inteiro sempre jaz no maligno, o que tem então, o crente a ver com o mundo? Ele não deixou de pertencer ao mundo, por sua identificação com Jesus Cristo, o qual também não pertence ao mundo? Permanecem no mundo mas não são do mundo. O que há no mundo? Amor não interesseiro? Perdão? Misericórdia? Pureza? Santidade? Paz? Justiça? Verdade? Honestidade? Toda sorte de virtudes cristãs? Se a resposta é, e deve ser seguramente negativa, voltamos a indagar: o que tem o crente a ver com o mundo? O que tem Jerusalém a ver com Babilônia? O que tem a ver o céu com o inferno? Observe qual é o interesse daqueles que amam o mundo através das suas conversações. Eles falam de coisas que edificam? A sua avaliação da realidade e das circunstâncias que nos cercam correspondem à

verdade, conforme são avaliadas por Deus e pela Sua Palavra? Eles são dados à dissimulação e à ironia? Há vaidade e uma estima de si mesmo que corresponde à verdade daquilo que são de fato? Eles exaltam as virtudes cristãs? Sua conversação não é torpe e vazia? Por que então, aqueles que professam o nome de Jesus consentem em agir de igual forma? Deus poderia se agradar disso, e derramar suas bênçãos sobre nós como um sinal do seu agrado e aprovação? Ao contrário, Ele nos ordena a sair de Babilônia (o modo de vida mundano), para que não sejamos coparticipantes dos seus juízos. Por amar o mundo e o seu modo de ser, Demas abandonou o evangelho e o apóstolo Paulo, pois não tinha fé suficiente para suportar as aflições que estavam vindo sobre todos os que carregavam o nome de Cristo, e davam testemunho ousadamente da sua fé. Procurando alívio e vida, Demas foi ao encontro da ruína e da morte, pois Satanás é o príncipe do

mundo que não pode oferecer vida, senão apenas morte para aqueles que se voltam para o seu lado, ainda que não voluntária e conscientemente. Ainda que os trate com prazeres e benesses, o que está produzindo de fato em suas almas é morte, e não vida. O evangelho aponta uma cruz, e exige a crucificação do nosso velho homem por meio das aflições que temos que sofrer por amor a Cristo, mas o fim disso é vida, e vida em abundância, e paz com Deus, pois, pela prática do evangelho a inimidade antiga e que é inerente à nossa natureza terrena, é desfeita (Rom 8.13). Satanás e o mundo, ao contrário, aponta para aquilo que é doce e satisfaz o nosso ego carnal, mas o fim disso é morte e não vida, pois o viver para fazer a própria vontade nos afasta da possibilidade de ter comunhão com Deus. Os remédios da cruz podem ser dolorosos e amargos, mas curam o mal do pecado. Os licores delicados do diabo e do mundo causam toda sorte de enfermidades espirituais, e por fim, a morte espiritual e eterna. Qual escolheremos:

• a morte ou a vida? • a maldição ou a bênção? A

Palavra de Deus coloca ambas alternativas diante de nós para que façamos nossa escolha.

A Passividade Conduz à Apostasia Ao falarmos de passividade não nos referimos à atitude de esperar pacientemente em Deus, pela fé, senão àquela incorreta atitude de mente e espírito de pensar que a nós, nada cabe fazer na vida cristã, senão somente frequentarmos os cultos de adoração e reuniões de oração, ou então, basta apenas confessar que cremos em Cristo como Senhor e Salvador. Em muitas passagens bíblicas somos exortados à diligência, à prática das boas obras, à vigilância espiritual e oração contínuas, bem como a toda sorte de deveres que visam exercitar nossas graças. Crentes que não estão empenhados em dar testemunho da sua fé, com vistas à salvação e edificação de almas estão margeando a estrada perigosa da apostasia, pois é comum que nos descuidemos da nossa boa condição espiritual, quando não estamos despertados para a responsabilidade de conduzir outros a Cristo. Deixar de se consagrar nas reuniões de culto e oração, ou fazê-lo sem fervor de espírito e um desejo sincero de estar na presença de Deus, para amar e praticar as coisas ensinadas pelo

Espírito Santo, é um outro modo de caminhar rumo à apostasia.

Rejeitar Sofrimentos por Cristo Significa Rejeitar uma Coroa “11 Palavra fiel é esta: que, se morrermos com ele, também com ele viveremos; 12 Se sofrermos, também com ele reinaremos; se o negarmos, também ele nos negará;” (II Timóteo 2.11,12) O prêmio da perseverança é a salvação e a coroa em glória. Jesus diz que é em nossa paciência que ganhamos a nossa alma. Esta palavra “paciência” é vertida do grego “hupomoné”, que é a mesma palavra para “perseverança”. O ponto aqui, não se refere então à simples atitude de permanecer calmo diante das adversidades, mas de continuar caminhando, fazendo progresso na fé e no crescimento espiritual, a par de todas as oposições e vicissitudes que possamos vir a sofrer. Esta perseverança será provada por Deus em meio a variadas tribulações. A noção incorreta em voga na Igreja, de que se deve crer em Cristo para não sofrermos neste mundo, para não termos perseguições e tribulações é a rejeição de tudo aquilo que o

evangelho nos oferece para o nosso triunfo espiritual – o triunfo da cruz sobre o ego, o diabo e o mundo. Deus é glorificado quando suportamos com paciência, não recuando na fé e em nosso amor a Ele, quando somos fustigados por Satanás ou pelas circunstâncias adversas desta vida. Quanto Satanás é envergonhado ao pensar que negaremos o nome e a bondade do Senhor, quando sofremos, porém, mais nos apegamos a Ele, sem sequer lhe pedir que remova os espinhos que o diabo colocou em nossa carne, pois temos o suporte e o consolo real da Sua graça, que nos anima, sustenta nessas horas, e nos levam para bem mais perto do seu coração amoroso de Pai. Quanto nos gloriamos também, em saber que temos um Pai tão poderoso, a ponto de nos manter sossegados e tranquilos mesmo nas horas difíceis e de grande angústia. É a cruz fazendo seu trabalho de nos tornar dóceis e mansos para Deus. Nisto se cumpre parte da esperada semelhança que devemos ter com Jesus Cristo. Nosso amor se comprova, não por interesse nas coisas agradáveis que recebemos, mas por

permanecermos unidos ao Senhor em toda e qualquer circunstância, quer na morte, quer na vida, na saúde ou na doença, na pobreza ou na fartura. Além disso, aos que sofrem com este tipo de paciência e fidelidade é prometida uma coroa imarcescível e eterna no céu. Qual pois a vantagem de apostatar, quando as coisas se tornam difíceis, ou a vida cristã parece contrariar os nossos interesses e vontade? Trocar um reino de glória por um suposto alívio e prazer temporário é um bom negócio? No final do capítulo “O Mundo Jaz no Maligno” indagamos: Qual escolheremos: • a morte ou a vida? • a maldição ou a bênção? Escolher é um processo que faz parte todo o tempo em nossa vida. A propósito, esta indagação foi feita pelo próprio Deus aos israelitas, e se estende a nós. Eles não poderiam apenas se gloriar na aliança que o Senhor fizera de ser o seu Deus e eles o seu

povo; de serem a nação que Deus escolheu formar para se revelar ao mundo, e à qual havia feito boas promessas, mas deveriam buscar viver ao nível da sua vocação. Eles deveriam guardar os mandamentos pela circuncisão de seus corações de pedra. Deveriam se apegar e adorar ao Senhor com todo o seu coração, mente e alma. Contudo, como já dissemos antes, isto deveria ser escolhido, buscado com todo o empenho, pois o reino de Deus é sempre tomado pelo nosso esforço, em cumprir tudo o que nos é ordenado – não podemos participar da manifestação e operação das coisas espirituais, celestiais e divinas, a não ser por meio do nosso esforço em buscá-las e praticá-las. Ainda hoje, na Nova Aliança que vigora na Dispensação da Graça, a regra quanto a isto permanece a mesma. Somos ordenados por Jesus a bater, pedir, buscar, e sempre com o intuito de praticar tudo o que nos tem ordenado. Devemos pegar no arado e não olhar para trás. O alvo deve ser fixado e não devemos perder o foco que nos está proposto, seguindo sempre adiante, a par de todas as pedras que possamos encontrar em nossa caminhada.

Os Reformadores, no século XVI, refêns de sua própria época, em que o humanismo, representado especialmente em Erasmo de Roterdan, afirmava a supremacia do homem em determinar o seu próprio destino. Para refutar esta mentira, porque o homem é sabidamente dependente da graça de Deus, e deve viver para Ele, alguns exageraram na doutrina relativa ao livre-arbítrio, afirmando que o homem não possui sequer a capacidade de livre escolha, senão somente de seguir o que Deus tem predestinado para ele. Ora, nós vemos o próprio Deus, em várias passagens das Escrituras nos ordenando que façamos as escolhas acertadas, honrando a Sua vontade, que façamos distinção entre o vil e o precioso, e não seria, por conseguinte, correto, afirmar que não nos dotou de livre-arbítrio para fazermos decisões e escolhas. Evidentemente, sobretudo nas questões espirituais relativas à salvação, não poderíamos escolher de modo adequado sem a ajuda e a revelação de Jesus Cristo a nós, pelo Pai, conhecendo e escolhendo fazer a Sua vontade revelada na Bíblia. Disso tudo concluimos, que a apostasia não é algo designado por Deus, nem mesmo

incentivada por Ele, mas é totalmente determinada pelas escolhas erradas que fazemos e vão na contramão da Sua vontade divina. Jonathan Edwards foi muito feliz ao dizer que na graça, Deus faz tudo, e nós também fazemos. Evidentemente, ele não quis se referir àquelas coisas que somente Deus pode fazer pelo seu próprio poder, mas que em todas as coisas em que seja requerida a nossa participação ativa, é certo que Deus não operará o querer e o efetuar, caso não nos disponhamos a isto, e tomemos as medidas práticas que a situação requer. Veja o caso daquele rapaz que começou a negligenciar a frequência aos cultos da sua congregação, e a se dar às mesmas práticas dos ímpios – seria de se esperar que a graça opere em seu favor lhe fortalecendo, enquanto permanecer em tal atitude e comportamento? Ao que tem a graça, e a busca, Deus dá mais graça. Mas, ao que tem a graça e a desperdiça, até o pouco que tem lhe será tirado; será achado vivendo na carne e não no Espírito, pois o princípio da graça chama por mais graça. Ele é universal e infalível.

A Face Horrenda da Apostasia Se fosse possível pintar ou fotografar o rosto da apostasia, ali acharíamos de forma muito nítida os traços da impiedade, da ingratidão, da murmuração, da obstinação, da incredulidade, do orgulho e de tantas outras falhas e defeitos de caráter, sobretudo contra a pessoa de Deus. Coisa horrenda é de fato esta, de não se aceitar a Deus como nosso Criador e Senhor, quando Ele o é realmente e para sempre. Coisa horrenda é não aceitar que tem sido dele que recebemos todos os dons, talentos e capacitações, sejam naturais ou espirituais, para vivermos por eles, e serem usados neste mundo, para a Sua glória. A água, o ar que respiramos, e o alimento, essenciais à vida do corpo. A luz do sol e tudo mais que existe fora criado por ele para manter a nossa existência e subsistência. Terrível ingratidão e insolência! A arrogância ativa de não se dispor a cumprir seus mandamentos, sobretudo os relativo ao amor devido a Ele e ao próximo.

A busca de prazeres pecaminosos e ociosos que impedem a devoção de uma vida consagrada a Ele e ao seu serviço, na expressão da mais elevada forma de egoísmo. Não precisamos abrir espaço para citar em detalhes os crimes de assassinatos, adultérios, traições, fornicações e tantos outros para poder agravar a condição de apostasia que citamos anteriormente. Mas, o pior dos crimes, a mais horrenda apostasia é aquela que nos leva a nos afastarmos de Deus e de toda a Sua vontade, apesar de sabermos que Jesus se humilhou fazendo-se homem para sofrer e morrer em nosso lugar, carregando o castigo da nossa culpa, pelos nossos pecados, para que, em vez de viver afastados para sempre de Deus pudéssemos ser aproximados pelo sangue da Sua redenção e paz. Ninguém é capaz de explicar a razão para isso, mas é fato patente que contingentes cada vez maiores da humanidade formam as filas da apostasia de Deus e dos seus mandamentos. Como se isso fosse pouco - coisa de somenos, agarram-se às blasfêmias, às profanações, às heresias e aos ataques diretos a tudo o que é santo e honorável.

Ser irreverente e rebelde é tido agora como sendo uma virtude, para muitos no mundo. A violência e a arrogância são bem recebidas e tidas como prova de ousadia e coragem. O amor esfriou e a iniquidade se multiplicou em todas as suas formas. O dinheiro se fez senhor e deus absoluto do mundo. Não basta, portanto, somente orar para escaparmos destas coisas. Não basta somente orar e vigiar. É preciso mais do que nunca criar hábitos de disciplina na prática da Palavra de Deus, se pretendemos ser achados de pé e não caídos em Sua santa presença.

O Horrível Juízo para os que Escolheram Viverem Apostatados de Deus Mais uma vez, voltei a ser internado num hospital público na manhã de 17/02/2016, e fiquei na UTI de emergência e reanimação, numa maca estreita e gelada até as 21:00 horas do dia seguinte, em jejum absoluto, quando fui transferido para outra UTI com menor movimentação. Como a primeira é o ponto de entrada de todo o tipo de emergência do hospital, pude presenciar bem de perto, não somente o entra e sai de várias pessoas, e não poucas em estado terminal, como também ali já se encontravam várias outras em estado inconsciente por estarem sedadas e entubadas, respirando com a ajuda de aparelhos. O hálito da morte estava bem presente e sua foice arqueada, pronta para ceifar mais algumas vidas, mantendo a média diária de dois a três óbitos naquela unidade. Não pude deixar de simpatizar com todo aquele sofrimento a ponto de ter esquecido do meu próprio, todavia fui levado a refletir em espírito quão horrendo estado aguardava por todos aqueles, que deixando a habitação terrena do

seu corpo teriam que encarar os sofrimentos eternos do inferno de fogo; não de forma inconsciente e sedada do seu padecimento presente, mas estando conscientes para sempre dos sofrimentos intermináveis que se seguiriam àqueles, quando o espírito deixasse o corpo. A morte física é na verdade, um alívio para as mazelas do corpo; mas a espiritual e eterna é algo para ser devidamente considerado e temido. Eu observava os médicos, os acadêmicos, a equipe de enfermagem; jovens desfrutando de boa saúde física, e não vislumbrei em nenhum deles um grão sequer de aprendizado quanto ao seu próprio estado futuro, que também inapelavelmente os alcançará um dia. Eles pareciam se gloriar no seu bom estado de saúde física presente, e tripudiar sobre aqueles que mais pareciam carcaças, já em fase de decomposição aguardando o último suspiro. Caso não venham a ter um encontro pessoal e salvífico com Cristo, antes dos referidos dias maus; quão terríveis serão estes dias, pois se apresentarão como a antessala do sofrimento eterno.

Por isso somos alertados a ponderar estas coisas ainda nos dias da nossa mocidade, para que tendo o devido temor de Deus e seus juízos venhamos a nos consagrar inteiramente a Ele, por meio da fé em Jesus Cristo, para que sejamos livrados de tão grave e iminente perigo – digo iminente, porque nossa jornada terrena é muito breve comparada com toda uma eternidade de glória que podemos ter juntamente com Cristo, caso não sejamos achados apostatados da Sua presença. Contudo, ainda que breve, a vida terrena é longa para muitos quanto ao tempo e oportunidade que lhes são concedidos por Deus, para que se arrependam e se decidam por Cristo, a fim de viverem em obediência aos Seus preceitos. É lamentável que tantos cheguem à idade avançada, sem sequer cogitarem quanto ao que será o seu estado eterno. Esquecem-se de Cristo, da Sua Palavra; não querem saber dele e de nada que lhe diga respeito. Não admira que venham a ser achados também, em abandono por Aquele ao qual abandonaram por todos os dias de suas vidas. Caso tivessem se voltado para o Senhor, Ele não teria rejeitado a qualquer deles, conforme tem

prometido, e lhes livraria dos laços do inferno para a plena liberdade dos filhos de Deus, bem como dos laços de morte, para os laços de vida.

Crete que Apostata é Alguém que Foi Libertado e Decide Voltar à Prisão Já em nosso comentário à epístola aos Gálatas, que publicamos sob o título “Uma Liberdade Total e Eterna”, escrevemos: O cristão é livre até mesmo da escravidão do seu próprio ego, da sua própria vontade, porque é livre para poder escolher e viver segundo a vontade de Deus, pelo poder do Espírito. E ainda: Há poderes terríveis operando no mundo espiritual, e eles disputam pelo governo total da nossa vontade e espírito. A carne sempre tentará trazer o cristão de novo, à sujeição total que exercia sobre ele, quando andava no mundo, sem Cristo. O mundo também faz o mesmo, tentando cativar totalmente a vontade e afetos do cristão nos tesouros terrenos, sejam eles lícitos ou não. Satanás, o diabo, dispensa comentários quanto a isto, quer agindo diretamente, quer usando seus ministros que se transfiguram em ministros de justiça, para enganar os cristãos. Vemos assim, a quantos inimigos está sujeita a fé do cristão, isto sem contar o pecado que o

assedia tão de perto em sua própria natureza terrena. Ceder aos apelos da carne e às tentações do diabo conduz ao risco de retornar à prisão da qual fomos libertos, pelo sangue e pela graça de Cristo. Foi para nos libertar da escravidão ao pecado, ao diabo e ao fascínio do mundo que Cristo se manifestou, portanto seria considerar nula a Sua morte e obra quando consentimos em viver de modo carnal e mundano. É isto que deve ser considerado quando alguém apostata da fé, da presença de Deus, e não simplesmente que está passando por um breve momento de confusão ou desejo de desfrutar um pouco mais das coisas que o mundo tem a oferecer, o qual Deus poderá remover com toda a facilidade, independente da nossa vontade. No entanto, não é assim que ocorre na prática, pois muitos se desviaram para nunca mais retornarem à firmeza e condição inicial em que se encontravam. Este não é um assunto com o qual devemos brincar, pois envolve questões de morte ou de vida eterna. Em dias em que tantos professam ser evangélicos, mas sequer conhecem o

significado do evangelho de Cristo, do qual a palavra “evangélico” é oriunda, é preciso ter uma atenção e vigilância redobradas quanto à validade e verdade das variadas doutrinas ditas “evangélicas” que nos cercam, pois que em sua grande maioria rejeita o escândalo da cruz. Para muitos, evangelho é o meio que abre portas para conquista e prosperidade material, e estabelecem isto como pressuposto da finalidade da fé, e não como afirma o apóstolo Pedro – a salvação da nossa alma. Então, o que se vê nas faces dos que adotam esta doutrina, são os estertores da morte espiritual e eterna que se avizinha, assim como vi ocorrer inapelavelmente com aqueles que se encontravam em estado terminal na UTI do hospital, quanto à proximidade da morte física. Cristo morreu por todos para que vivamos por Sua vida, unidos a Ele, e em amor obediente filial para que a morte não tenha mais qualquer poder sobre nós, até mesmo a física, pois temos nele a promessa segura da ressurreição futura do nosso corpo. A jornada cristã não é fácil, mas não é impossível; ao contrário, é inteiramente possível para todo aquele que decide caminhar

ao lado de Cristo, sem jamais apostatar da fé, ainda que tenha muitas perdas neste mundo, fazer muitas renúncias e contrariar sua própria vontade, para ser encontrado fazendo a vontade de Deus.

Porque a Apostasia Deve Anteceder a Manifestação do Anticristo? Quando o poder e a influência do bom testemunho da Igreja ficam enfraquecidos no mundo, a consequência imediata é que os poderes das trevas ficam fortalecidos e com maior liberdade de atuação. Se os crentes são o sal da terra e a luz do mundo, é de se esperar que quando o sal perde sua propriedade de salgar, que a putrefação aumente, e que, quando a luz é escondida debaixo do alqueire, que as trevas prevaleçam. Esta é a razão pela qual o Anticristo e todo o seu programa de governo forjado no inferno, jamais poderiam ser bem recebidos por uma sociedade com os valores conservadores do cristianismo. Mas, quando até os próprios crentes se bandeiam para o lado daqueles que sustentam as bandeiras da iniquidade, pelos mais diversos interesses e motivos, o resultado é que as portas para a entrada do Anticristo e o seu séquito maligno ficam completamente escancaradas. O mistério da iniquidade opera na terra desde a mais remota antiguidade, mas sempre encontrou segmentos da sociedade cristã que

barravam sua progressão, de modo vigoroso, fazendo prevalecer os valores fundamentais da cultura judaico-cristã, notadamente quanto aos bons costumes e à defesa da família. Hoje, o que se vê, é a derrubada deliberada destes valores tradicionalmente conservadores, por um chamado liberalismo progressista, que nada mais é do que a abertura de todas as comportas que continham a iniquidade, que se levanta contra os mandamentos de Deus. A própria autoridade civil e todas as formas de governo institucional, se sentem muito à vontade para estabelecer leis que contrariam os princípios revelados por Deus na Sua Palavra, porque a sociedade almeja por isto, e já não há o perigo de se contrariar o povo, e se perder popularidade e votos quando assim se procede presentemente. Temos uma sociedade que é em grande parte permissiva, lasciva, insaciável por prazeres, que não respeita os mores antigos e até mesmo os ridiculariza, em prol de uma chamada liberdade, que nada mais é do que a mais elevada expressão da escravidão do homem ao pecado.

Como o governo do Anticristo é o sumo representante de toda forma de iniquidade, e de tudo o que se levanta contra Deus e a Sua vontade, que é injustamente considerado como um grande limitante da liberdade humana; não é de se estranhar que seja amplamente aclamado e recepcionado de braços abertos, quando se apresentar como o grande libertador de todos os poderes “opressores” – como eles consideram os mandamentos justos e santos de Deus – os quais se baseiam na Bíblia, especialmente na Lei de Moisés, e até mesmo no próprio evangelho de Jesus Cristo, que nos convoca a viver em santidade de vida. Jesus é o representante supremo da santidade, e o Anticristo é o do pecado, da iniquidade, e por isso é chamado por Paulo, como sendo o homem do pecado. O governante que dará boas-vindas à prática do pecado, ao modo liberal de vida desenfreado que contraria os princípios de Deus, sob a argumentação de uma falsa liberdade e paz entre os homens, será por isso adorado pelos ímpios como sendo o novo deus deles. Aquele que libertou suas consciências do terror de um juízo divino futuro, em decorrência do pecado.

Sabemos, pelas Escrituras, onde é que tudo isto dará, e quando o Anticristo revelar toda a sua perversidade satânica, pois operará pela influência e poder do diabo, perseguindo, sobretudo os judeus e os cristãos. Segundo o mundo, presentemente, são eles que impedem uma comunhão mundial de todos os povos, por causa de seus costumes diferentes, e a alegação de que se prestar culto de adoração ao único Deus verdadeiro, o Deus de Israel e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Isto é uma falácia da parte deles, pois muçulmanos têm ao seu chamado deus Alá como sendo o único que deve ser servido, e que todas as nações devem se render a ele e ao seu culto sob a bandeira do Islã. Por que então, o Anticristo não empreenderá uma perseguição imediata a eles? Porque Satanás bem conhece o ódio histórico dos árabes pelos judeus, e que também, o deus deles não é o Deus verdadeiro, de quem o diabo é o archi-inimigo, por tê-lo expulsado do céu. Assim, para magoar o coração do Altíssimo, o Anticristo, que atuará pelo poder de Satanás, usará a perseguição ao povo da aliança, pelo qual o evangelho e o Messias chegaram até nós,

bem como a todos aqueles que entre os gentios amam e servem a Jesus. Assim, em nome da política e estabelecimento de uma falsa unidade e paz mundial, o que teremos de fato é uma batalha espiritual, conforme profetizada por Deus desde o início da criação, entre a descendência da serpente e a da mulher. O conflito final das eras terá sua consumação com a destruição das fortalezas do inferno e o estabelecimento do reino de Cristo em sua forma final gloriosa, para todo o sempre, com aqueles que lhe permanecerem fiéis até o fim. Então perguntamos: Vale a pena apostatar?

O Paradoxo e a Insensatez da Apostasia Todo homem em são juízo anda à busca de paz e felicidade. Todavia, isto não pode ser achado verdadeira e permanentemente aparte de Deus, pois fomos criados para vivermos em perfeita unidade e comunhão com Ele. Aqui reside, por conseguinte, o grande paradoxo da busca da felicidade onde somente existe destruição e ruína, a saber nos valores do inferno e nos deste mundo tenebroso. Fugir e virar as costas para um Deus que é inteiramente longânimo, compassivo, perdoador, amigo e amor? Qual é a lógica racional que pode existir em tal comportamento? O simples uso da razão, não pode conduzir o homem à escolha acertada de se render à vontade de Deus, porque o princípio do pecado, que opera em sua natureza terrena faz com que seja inimigo de Deus, e se oponha tenazmente à sua vontade, como, por exemplo, estar grato, feliz e contente quando debaixo de grandes sofrimentos. Isto soa como algo irracional, porque o mundo não pode conhecer o poder consolador e

transformador da Sua presença em nós, quando sofrermos com paciência as tribulações causadas por nosso amor ao evangelho. Daí decorre, que mesmo que façam votos e projetos para se reformarem e servirem a Deus, sempre encontrarão uma indisposição latente que os impede de fazê-lo. Consequentemente, todos necessitam ser antes libertados por Cristo, da servidão ao pecado para que possam finalmente viver de acordo com a vontade de Deus e achar prazer na mesma, pois é boa, santa, perfeita e agradável. Temos falado muito ao longo das páginas deste livro, que o ato de não apostatar consiste em se guardar os mandamentos de Deus e fazer Sua vontade. Porém, importa sermos inteiramente honestos e verdadeiros, segundo os termos do próprio evangelho, porque esta é a dispensação da paciência e longanimidade de Deus, quando tem perdoado livremente todos os nossos pecados, lançando-os no mar do esquecimento, segundo a promessa que fizera em relação à Nova Aliança (Jeremias 31.31-35). Desta forma, temos aqui mais um argumento reforçador para o paradoxo e a insensatez que há em se apostatar da fé, uma vez que Deus não tem

nos recebido em Cristo por conta de nossas perfeições e capacitações presentes, e muito menos pela nossa força ou habilidade para cumprir todos os seus mandamentos perfeitamente enquanto estivermos neste mundo, mas Ele nos tem recebido misericordiosamente com graça, sendo totalmente longânimo para com as nossas faltas, desde que não neguemos o santo nome de Cristo e não desistamos de fazer progresso na fé. Por isso, o evangelho é uma boa-nova para os pecadores, e a fé que temos é, portanto, segundo a misericórdia e perdão do evangelho, e não segundo os rigores da Lei de Moisés. Um Salvador terno, gentil, amoroso, todo desejável, sendo rejeitado pelo pecador e ainda por cima, com desprezo e queixas contra ele, é de fato uma grande maldade que não pode deixar de receber o devido castigo naquele dia em que todos teremos que comparecer ao Tribunal de Cristo, para prestar contas de todos os nossos atos.

Vemos assim, como no dizer do apóstolo Paulo, que a graça que nos está sendo dada em Cristo, não está longe, nos céus, nem nos abismos, para que não possa ser encontrada por nós, mas está perto dos nossos lábios e dos nossos corações, pois a verdade foi revelada e registrada por escrito nas páginas da Bíblia, de uma vez para sempre. Basta que tenhamos um espírito humilde e reverente, que nos leve a consultar tudo o que contêm as suas páginas, pois são elas que dão testemunho acerca da salvação. É para pasmar então, que algo que está tão perto de todos, inclusive pelo testemunho de vidas transformadas seja tão rejeitado e negligenciado por tantos que seguem em caminhos de apostasia, que são caminhos de morte e não de vida. Assim, conscientemente ou não, escolhem a morte, e não a vida; a maldição e não a bênção. E pensar que a justiça de Jesus, que recebemos na conversão é suficiente para nos dar o céu, porque é perfeita em todos os aspectos necessários para satisfazer às exigências da própria justiça e santidade de Deus em relação a nós. Não somos aproximados de Deus numa base legal, conforme um preso é aproximado de um juiz para

condenação, mas como filhos a um Pai amado, para em relação a nós. Não somos aproximados de Deus numa base legal, conforme um preso é aproximado de um juiz para condenação, mas como filhos a um Pai amado, para absolvição. De maneira que a justiça que nos é imputada pelo Espírito Santo, através da prática das nossas boas obras, não nos acrescenta nenhum mérito, de forma que possamos nos tornar mais merecedores do amor de Deus. Ele nos tem amado incondicionalmente, por causa de Cristo. Ele nos tem recebido incondicionalmente, e sempre nos receberá por causa dos méritos de Cristo, e nunca pelos nossos. Nós podemos agradá-lo ou desagradá-lo, respectivamente, pela prática ou não das boas obras, mas não será pela aprovação ou reprovação que acrescentaremos ou perderemos um só grão da justiça perfeita que recebemos de Cristo em nossa justificação. Nós o amamos, amamos a Sua Palavra, amamos a santificação, e é isto que é tido em conta em nosso favor, superando nossas limitações e fraquezas, porque o amor cobre multidão de pecados.

Não há, portanto, qualquer justificativa para a apostasia, pois se somos rejeitados pelos homens, Deus nos recebe; se somos consumidos por sofrimentos, ele nos cura e consola; se somos injustiçados e perseguidos, ele é a nossa justiça e a nossa força; se somos solitários, ele é a nossa companhia; se demônios incontáveis nos atacam, ele os repreende e nos livra. A apostasia é, portanto, um pecado para o qual não há desculpa. Em Cristo, o fraco pode dizer: “sou forte”. O pobre pode dizer: “sou rico”. O desprezado: “sou abençoado”. O enlutado: “sou alegre”. O desterrado: “sou acolhido”. O perdido: “sou salvo”. Qual é pois o fundamento e a razão da apostasia? Cada um deve responder por si, mas nenhuma resposta prevalecerá como aceitável e verdadeira perante o Deus que é todo amor, graça, justiça, verdade e bondade.